



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 1º de fevereiro de 2024

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,28% São Paulo	128.967	R\$4,937 (-0,16%)	R\$ 1.412	R\$ 5,583	11,65%	11,17%	Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26 Outubro/2023 0,24 Novembro/2023 0,28
0,82% Nova York	26/1 29/1 30/1 31/1	Últimos					
		25/janeiro 4,922					
		26/janeiro 4,911					
		29/janeiro 4,946					
		30/janeiro 4,945					

CONJUNTURA

Copom reduz juros básicos para 11,25%

Atento ao problema fiscal, Banco Central mantém a cadência de corte na Selic e não deixa espaço para acelerar o ajuste monetário. Analistas avaliam que, no segundo semestre, mudanças devem ser mais brandas, até o patamar de 9,25%

» ROSANA HESSEL

Na primeira reunião do ano e com nova formação, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, reduziu, ontem, a taxa básica da economia (Selic) em 0,50 ponto percentual, para 11,25% ao ano. É o menor patamar desde março de 2022. A decisão foi unânime e, no comunicado divulgado após o segundo dia de trabalhos, o comitê sinalizou que manterá o ritmo de cortes nas próximas reuniões. Essa mensagem frustrou quem esperava uma aceleração no ciclo de ajuste nos juros que está em curso desde agosto do ano passado.

De acordo com o comunicado, os diretores do BC "avaliam que esse é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário". O Copom ainda reforçou a preocupação com o cenário externo e o equilíbrio das contas públicas, destacando a necessidade do cumprimento das metas fiscais. "Tendo em conta a importância da execução das metas fiscais já estabelecidas para a ancoragem das expectativas de inflação e, consequentemente, para a condução da política monetária, o Comitê reafirma a importância da firme persecução dessas metas", informou a nota.

Apesar da nova queda da taxa Selic, o Brasil manteve-se na vice-liderança do ranking global de juros reais (descontada a inflação), levantado pelo economista Jason Vieira, da MoneYou. Considerando a projeção do custo de vida para os próximos 12 meses, o juro real do Brasil, de 5,95%, só ficou

atrás do México e bem acima da média geral dos 40 países listados, de 0,69% ao ano.

A decisão do Copom veio em linha com o consenso do mercado e o comunicado também não teve surpresas, como ocorreu com a reunião do Fomc, comitê de política monetária do Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos), que manteve entre 5,25% e 5,50% ao ano o intervalo dos juros básicos na maior economia do planeta. É o patamar mais alto dos últimos 22 anos nos EUA.

Diante do comunicado do Comitê do Banco Central brasileiro, analistas preveem que o ritmo de corte de 0,50 ponto deverá ser mantido nas reuniões do primeiro semestre (março, maio e junho), de acordo com o economista-chefe do Banco BV, Roberto Padovani. "A lógica dessa estratégia do BC é que, com o processo desinflacionário em curso, o Banco Central tem espaço para fazer um ajuste mais alongado. Agora, não há espaço para aumentar o ritmo de corte, como parte do mercado especulava", alertou. Padovani acredita que, no

segundo semestre, é possível que as reduções passem para 0,25 ponto percentual, e a Selic termine o ano em 9%.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, também avaliou a reunião do Copom dentro das expectativas, mas acredita em algumas surpresas na segunda metade do ano. "O Comitê vai continuar reduzindo juros no mesmo ritmo nas próximas reuniões, o que coloca o primeiro semestre sem muitas novidades vindas do BC. A preocupação fiscal foi muito moderada, mas devem vir mais sinalizações na ata da próxima terça-feira. Acho que vamos ter ainda umas três reuniões sem grandes sustos", disse.

Para Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, a nota do Copom foi praticamente um "copia e cola" do texto da reunião anterior. "A nossa avaliação é que o Copom teve pouca novidade e veio dentro do esperado. A inflação continua caindo devagarzinho, e isso dá espaço para o Copom continuar fazendo quedas graduais nos juros", considerou.

Para José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, o Copom manteve a linha monetária. "Nada de novo na análise de atividade econômica (desaceleração), da inflação (desinflação), das projeções de inflação, dos riscos de alta e de baixa, da importância da firme persecução das metas fiscais, da reanclagem apenas parcial das expectativas". Ele mantém em 9,25% a previsão para a Selic no fim do ano.

Ritmo constante

Na primeira reunião do ano do Comitê de Política Monetária (Copom), diretores do BC mantêm o ritmo de cortes de 0,50 ponto percentual pela quinta reunião consecutiva

EVOLUÇÃO DOS JUROS

Mês do Copom Taxa Selic — Em % ao ano



*Decisão da reunião do Copom desta semana

**Mediana das projeções do mercado coletadas pelo Banco Central no Boletim Focus em 26 de janeiro

Fontes: Banco Central e MoneyYou

NO TOPO

Mesmo com a nova redução da taxa Selic para 11,75%, o Brasil continua na vice-liderança dos juros reais (descontada a inflação)

Ranking País	Taxa de juros real Ex-ante*
1 México	6,49
2 Brasil	5,95
3 Colômbia	4,81
4 Turquia	3,78
5 Indonésia	3,48
8 África do Sul	2,29
11 Rússia	2,04
12 Estados Unidos	1,73
22 Índia	1,02
24 China	0,94
40 Argentina	-31,15
Média geral	0,69

*Descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses



Valdo Virgo/CE/DA Press

» Ibovespa tem desempenho ruim

Apesar de fechar o pregão de ontem com leve alta de 0,28%, a 127.752 pontos, o Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), registrou o pior desempenho para janeiro dos últimos oito anos, de acordo com levantamento feito pelo economista Einar Rivero, da Elos Ayta Consultoria. A queda acumulada ficou em 4,79% enquanto que, no mesmo mês de 2016, o Ibovespa escorregou 6,79%. De acordo com a Investing.com, os destaques negativos de janeiro da B3 ainda são uma repetição de 2023, pois refletem a forte queda de ações de empresas com problemas financeiros ou perspectivas de guidade menores do que o esperado pelo mercado. (RH)

Desemprego a 7,8% mostra retomada

» RAFAELA GONÇALVES

A taxa de desemprego no Brasil registrou mais uma queda, ficando em 7,4% no trimestre encerrado em dezembro. Com o resultado, a média anual da taxa de desocupação ficou em 7,8% em 2023, uma retração de 1,8 ponto percentual frente a de 2022, quando marcou 9,6%.

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o resultado anual é o menor desde 2014, confirmando a tendência de recuperação do mercado de trabalho após o impacto da pandemia da covid-19. O patamar está próximo do início da série histórica, em 2012, quando a taxa média foi de 7,4%. A menor taxa da série foi registrada em 2014, com 7,0%.

A população desocupada teve uma redução de 17,6% quando comparada ao ano anterior, chegando a 8,5 milhões de pessoas, que ainda buscam por emprego. A média da população ocupada,

por sua vez, voltou a bater o recorde da série e chegou a 100,7 milhões de pessoas em 2023, resultando 3,8% acima de 2022.

A estimativa anual do número de empregados com carteira de trabalho assinada cresceu 5,8% no ano e chegou a 37,7 milhões de pessoas, o patamar mais alto da série histórica. O contingente anual de empregados sem carteira assinada no setor privado também mostrou aumento, de 5,9%, chegando a 13,4 milhões de pessoas, o pico da série.

Segundo a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy, no terceiro trimestre houve um aumento disseminado no número de ocupados em vários grupos de atividades. "Houve expansão em diversos segmentos. Nos últimos resultados, notamos um movimento mais concentrado no setor de serviços. Para este trimestre encerrado em dezembro, indústria e construção também contribuíram significativamente", afirmou.

O número de trabalhadores domésticos cresceu 6,2%,

chegando a 6,1 milhões de pessoas. Já a taxa anual de informalidade passou de 39,4% para 39,2% enquanto a estimativa da população desalentada diminuiu 12,4%, alcançando 3,7 milhões de pessoas.

Rendimento

O valor anual do rendimento real habitual foi estimado em R\$ 2.979, um aumento de 7,2%, o equivalente a R\$199, na comparação com 2022. O resultado chega perto do maior patamar da série, em 2014. Já o valor anual da massa de rendimento real habitual chegou a R\$ 295,6 bilhões, o maior da série, com alta de 11,7%, um acréscimo de R\$ 30,9 bilhões em relação a 2022.

O economista André Perfeito chamou a atenção para o recorde. Segundo ele, evidencia que "a quantidade de dinheiro na mesa da economia está num bom patamar", em uma conjuntura benigna para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). "Se a massa salarial bateu recorde, isso aconteceu porque há mais

pessoas trabalhando. Mas o rendimento médio real das pessoas ficou estável. Isso sugere que as pressões salariais estão em alguma medida sob controle, o que pode ajudar a evitar elevação de custos dos empresários, especialmente em setores ligados aos serviços", avaliou.

De modo geral, a leitura qualitativa do indicador é de que o mercado de trabalho permanece forte e com uma composição saudável, consolidando a recuperação da pandemia. "Olhando à frente, entendemos que os efeitos defasados da política monetária contribuirão para uma desaceleração da atividade econômica e um consequente aumento da taxa de desemprego, que ainda resistirá em patamares historicamente baixos por mais um bom tempo", ponderou o economista do PicPay Igor Cadilhac.

"Para 2024, esperamos que o mercado de trabalho se mantenha aquecido até, pelo menos, meados do ano", acrescentou o especialista, que projeta uma taxa média de desemprego de 8,3% este ano.